

O PARENTESCO ENTRE OS ÍNDIOS GALIBÍ DO RIO  
OIAPOQUE

EXPEDITO ARNAUD (\*)

Museu Goeldi

Os elementos que serviram de base para a elaboração do presente estudo, colhemos no decorrer de pesquisas realizadas, em 1964 e 1965, (1) junto aos índios acima mencionados, habitantes da margem direita do baixo Oiapoque (Território Federal do Amapá), e já focalizados em comunicação anterior. (Arnaud, 1966). Somavam apenas 38 indivíduos quando, em 1950, compelidos por dissensões internas ligadas ao xamanismo tribal, resolveram emigrar da aldeia *Kuaxi*, situada na embocadura do rio Mana (Guiana Francêsa) (2), para o território brasileiro, mas hoje totalizam 68 (37 do sexo masculino e 31 do sexo feminino) em consequência de mais duas migrações da mesma procedência, da admissão por motivo de casamento de um brasileiro e um índio Galibí do Alto Uaçá (3) e um maior índice de nascimentos sobre falecimentos.

Essa população, todavia, vem de dividir-se em dois grupos-locais (Qd.I) em virtude de uma outra cisão, porém, de natureza

(\*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Na revisão final dos termos de parentesco, tivemos como informante o índio Galibí de nome Emiliano Lód, presentemente servindo o Exército Brasileiro, como voluntário, nesta Capital.

(2) — Na Guiana Francêsa, os Galibí estão divididos entre vários grupos situados nas embocaduras dos rios Maroni, Mana e Iracoubo. (cf. Hurault, 1963 : 2).

(3) — Os Galibí do Alto Uaçá, nos dias atuais, constituem uma unidade tribal distinta sem qualquer ligação com os Galibí da Guiana Francêsa. (cf. Arnaud, 1966 : 1).

econômica e relacionada a contatos externos. De acôrdo com o que nos foi esclarecido, ocorreu sobretudo pela circunstância de haver o ocupante da liderança se tornado possuidor de alguns bens materiais doados pelo govêrno regional. E também porque, quando deliberou estendê-los em parte, apenas o fêz às famílias dos parentes mais próximos, ou sejam a do pai e dos irmãos. Assim sendo, aquêles de parentesco mais afastado em relação à sua pessoa, em dado momento resolveram separar-se, indo estabelecer-se em uma nova aldeia, embora distanciada sòmente cêrca de 200 m da anterior (4).

O antigo líder permanece à frente do grupo mais numeroso, totalizando 39 indivíduos, sendo 19 do sexo masculino (9 maiores e 10 menores de 15 anos) e 20 do sexo feminino (8 maiores e 12 menores), distribuidos entre cinco grupos domésticos constituídos quando habitavam na aldeia *Kuaxi* (rio Mana). Os dissidentes têm como líder um "tio" do anterior, somam 29, sendo 18 do sexo masculino (9 maiores e 9 menores de 15 anos) e 11 do sexo feminino (6 maiores e 5 menores), divididos entre 7 grupos domésticos, dos quais 5 formaram-se já no Brasil, e figurando em 2 os indivíduos estranhos inicialmente citados.

#### SITUAÇÃO ATUAL

Por efeito de influências sofridas através de contatos com outros grupos étnicos penetrados na área, da ação missionária católica e da mudança de ambiente, mostram-se os índios em apreciação modificados em relação a seus antigos padrões sócio-

(4) — Em acôrdo com as alegações que ouvimos, a cisão girou especialmente em tôrno da posse de um pequeno criatório de gado vacum, hoje com 15 cabeças, e iniciado em 1958 sob os auspícios do govêrno amapaense. No entanto, foi precipitada por ocasião de um caso de natureza sexual, havido entre uma jovem do grupo recém-constituído e um "civilizado", ora na Justiça, e a respeito do qual o antigo líder foi acusado de negligência, por não havê-lo comunicado à polícia em tempo oportuno. Êste caso foi logo a seguir contornado através de um casamento nos moldes tradicionais; no entanto, a crise perdurou e, no meio dissidente, foi até aventada a hipótese de retôrno à Guiana Francêsa. O agente regional do S.P.I., porém, tomando conhecimento do ocorrido, conseguiu aliviar a tensão pelo fato de haver prometido também doar aos componentes do nôvo grupo-locos algumas cabeças de gado.

-culturais. Por exemplo, as malocas tradicionais, de plano retangular, cobertura de palha de duas águas e chão batido, estão sendo substituídas por construções mais elaboradas com paredes e assoalhos de tábuas. As técnicas relativas à cerâmica e ao trançado ainda perduram, mas já se nota uma certa negligência por parte dos pais em transmití-las, pois, em sua maioria, inclinam-se no sentido dos filhos obterem instrução escolar ou ocupações fora da aldeia. A economia que, no litoral da Guiana Francêsa, tinham alicerçada na pesca, hoje baseam na horticultura, aparecendo a farinha de mandioca como o principal produto entre os excedentes comerciáveis. Os ritos de nascimento e puberdade, os cerimoniais fúnebres e as práticas xamanísticas apresentam-se atenuados ou modificados em comparação com o passado. A religião nominal que professam é a católica romana, sendo todos batizados.

O dialeto original Karíb conservam bem vivo, mas conhecem também o *patois* falado na Guiana Francêsa e o português, línguas que, no entanto, somente utilizam nas relações externas. Os nomes individuais nativos continuam aplicando, (5) mas chamam-se igualmente pelos nomes "civilizados" adquiridos através do batismo. Quando ainda no antigo território, eram identificados fora da tribo pelo nome batismal seguido do prenome paterno ((Ex.: Charles *Paul* filho de *Paul* Emilie); e só havia entre os componentes do grupo-local um patronímico (Lód), pertencente a linhagem do líder, o qual agora alcança a terceira geração. Porém, nos assentamentos da escola brasileira instalada na aldeia em 1960, os sobrenomes atualmente usados pelos chefes das demais famílias, passaram a ser também atribuídos aos filhos, já tendo sido, em sua maioria, ratificados pelos próprios pais mediante registro civil de nascimento.

(5) — Segundo informantes, os nomes pessoais entre os Galibí podem ser de plantas, animais, ou ter outro significado, sendo que o indivíduo recebe quando nasce comumente dois nomes, mas às vezes três ou quatro, não havendo mudança no decorrer da existência. São atribuídos pelos avós de ambos os lados ou pelos pais, sem nenhuma relação formal com qualquer dos ancestrais.

(6) — A respeito da aplicação de nomes pessoais entre os Galibí da Guiana Francêsa, cf. Hurault, 1963 : 27.

## TERMINOLOGIA DE PARENTESCO

A terminologia de parentesco, no âmbito dos dois grupos-locais, continua sendo mantida em sua estrutura tradicional. Quanto à consangüinidade, apresenta-se com as seguintes características :

Os membros da segunda geração ascendente são distinguidos pelo sexo e, assim sendo, há um t ermo para nomear o pai do pai ou o pai da mãe e outro para a mãe da mãe ou a mãe do pai.

Os irmãos do pai juntamente com seus primos paralelos são classificados como "pai"; e as irmãs da mãe e suas primas paralelas como "mãe". Porém, o irmão da mãe e a irmã do pai são designados através de têrmos específicos.

Os filhos(as) dos irmãos do pai ou das irmãs da mãe são classificados como irmãos( s) verdadeiros, havendo distin o entre irmão( ) mais velho(a) e mais nôvo(a). Aos filhos(as) dos irmãos da mãe e das irmãs do pai ("primos cruzados") aplicam designativos distintos sem observar critérios de idade.

Os têrmos usados pelo ego masculino para nomear o filho e a filha são extensivos aos filhos(as) dos irmãos (verdadeiros ou classificatórios), sendo utilizado outros têrmos para designar os filhos(as) das irmãs (verdadeiras ou classificatórias). O ego feminino, usando de critério inverso, nomeia de igual modo os próprios filhos(as) e os das irmãs; e mediante outros têrmos os filhos(as) dos irmãos.

Um  nico denominativo é aplicado aos filhos(as) dos "primos cruzados" e aos filhos(as) dos filhos(as) ("netos"). E ocorre também que, entre as categorias anteriormente descritas, há parentes de duas gera es designados através de idêntico t rmo, a saber : por parte do ego masculino, a filha da irmã do pai ou do irmão da mãe ("prima cruzada") e a filha da irmã ("sobrinha"); e por parte do ego feminino, o irmão da mãe ("tio") e o filho da irmã do pai ou do irmão da mãe ("primo cruzado").

O parentesco afim pode ser descrito da seguinte forma :

Existem termos específicos para espôso e espôsa. O pai do espôso ou da espôsa, a mãe do espôso ou da espôsa, o espôso da filha e a espôsa do filho também possuem designativos distintos. O mesmo denominativo aplicado pelo ego masculino, à irmã da espôsa e à espôsa do irmão o é, pelo ego feminino, para o irmão do espôso e o espôso da irmã. O que é utilizado pelo ego masculino para nomear o espôso da irmã e o irmão da espôsa o é, pelo feminino, para a espôsa do irmão e a irmã do espôso. Há designativos diferentes para espôso da irmã da espôsa, espôso da irmã do espôso, espôsa do irmão do espôso e espôsa do irmão da espôsa. E existem também termos para nomear o espôso da mãe e a espôsa do pai; para o espôso da irmã da mãe e o da irmã do pai; e para a espôsa do irmão do pai e a do irmão da mãe. O ego masculino designa por um único termo o filho(a) da espôsa; e o ego feminino por outro termo o filho(a) do espôso.

Todavia, apesar desses designativos próprios, o pai e a mãe do espôso(a) ("sogros") podem ser chamados como "tio(a)", o "cunhado(a)" como "primo(a)" e o "genro" e a "nora" como "sobrinho(a)". O espôso da mãe ("padrasto") e o marido da irmã da mãe são tratados como "pai"; a espôsa do pai ("madrasta") e a espôsa do irmão do pai como "mãe"; e vice-versa. Finalmente, o tratamento entre "tios" e "sobrinhos" é extensivo aos respectivos afins.

## O CASAMENTO

Segundo o que apuramos, antigamente os casamentos Galibí podiam ser de primos cruzados em sentido patri e matrilateral, preferencialmente, bem como de "tio" com "sobrinha", formas que, aliás, se encontram refletidas na própria terminologia de parentesco. Havia a poliginia (simples e sororal), o matrimônio de um homem com a viúva do irmão (levirato) e de uma mulher com o viúvo da irmã (sororato).

Entre os grupos do Oiapoque a primeira dessas formas é a predominante (cf. Quadro I). A segunda continuam admi-

tindo mas com restrições, por exemplo, “caso uma moça fique grávida de um tio...” (Arnaud, 1966:16). A poliginia de modo geral é condenada, inclusive como “contrária à moral e à religião cristã”; (ibid.) e, entre os mesmos elementos, não registramos nenhum caso dessa natureza. Embora ainda possa verificar-se o matrimônio de um homem com a irmã da esposa falecida ou vice-versa, segundo expressões de um informante, “não será como antigamente quando era lei”. No entanto, contrariando a tradição, vem de ocorrer um consórcio entre filhos de irmãos classificatórios pelo lado paterno, muito censurado, aliás, pelos demais parentes, tendo sido a mãe da jovem (uma viúva) acusada como principal responsável pela realização.

A prestação de trabalhos por parte dos genros para os sogros, antigamente constituía obrigação, antes e depois do casamento (ibid.: 14-15). A segunda forma ainda há pouco era observada pelos grupos Galibí da costa guianense (Hurault, 1963:23); no entanto, nas aldeias do Oiapoque isso não mais constitui norma e, quando acontece, é a título de cooperação. E nos casamentos havidos, mesmo com indivíduos estranhos, a obtenção da noiva não foi precedida da execução de serviços pelo pretendente ou de qualquer outra forma de pagamento.

É tradicional no âmbito da tribo, segundo investigamos, a evitação entre genro e sogra de um lado, sogro e nora de outro, consistindo no impedimento de intercomunicação verbal a não ser através do cônjuge, bem como em guardarem certa distância entre si. Todavia, nos dois grupos-locais em apreciação, essa conduta não mais é observada com a rigorosidade do passado, pois aquêles afins já se aproximam e se falam nas ocasiões necessárias.

Os matrimônios, geralmente, processavam-se entre indivíduos que, já tendo assimilado as técnicas tribais, eram considerados economicamente ativos, ou seja, com relação às mulheres logo após o início da puberdade e, quanto aos homens, por volta dos 18 anos. Porém, em época mais recente, entre os índios que tratamos, passaram a ocorrer em idades mais adiantadas (homens com cerca de 23 anos; e mulheres com 20 anos),

já que antes de casar vários dêles estiveram adquirindo instrução escolar, ou exercendo atividades fora da aldeia (Arnaud, 1966:15). Presentemente, sobretudo entre as famílias de melhor situação econômica, como sejam as pertencentes ao antigo grupo-local, êsses limites estão sendo ultrapassados. E tendo sido instalada há pouco uma escola de ensino secundário na Cidade de Oiapoque, duas moças de 17 e 19 anos passaram a freqüentá-la, notando-se também o interêsse de outros jovens de ambos os sexos em seguir o mesmo rumo. Em conseqüência, um casamento em perspectiva de uma dessas moças com um "primo" foi adiado, sendo que ela já não demonstra mais vontade em realizá-lo, em virtude do desnível de instrução entre ambos.

Provavelmente, em conseqüência da aquisição de novos valores observa-se, dentro dos dois grupos, a tendência no sentido de serem as uniões tribais ratificadas através de casamentos na igreja católica ou no civil. A despeito de constituírem minoria, pois, em um total de 12 casais apenas três se consorciaram pela primeira modalidade e um por ambas, somente consideraram como realmente casados os que assim procederam. De qualquer modo, os matrimônios havidos entre Galibí mostram-se estáveis, ao contrário dos verificados com elementos alienígenas, os quais, com exceção de um, foram rapidamente dissolvidos.

#### RESIDÊNCIA E DESCENDÊNCIA

Os Galibí da costa guianense no tempo de Coudreau (1887:428) ainda possuíam grande malocas comunais. Presentemente, as casas são habitadas somente por famílias elementares, tanto entre os grupos remanescentes da citada região observados por Hurault (1963:25) como os do Oiapoque (Arnaud, 1966:18). No âmbito dêstes cada família constitui unidade econômica independente cujo domínio é exercido pelo marido.

A forma de residência, que teria passado de uma patri para matrilocalidade (Hurault, 1963:25), nos dias atuais vem ocorrendo, equilibradamente, por ambas as modalidades, nos dois

setores (ibid.: 26; Arnaud, 1966:19-20). Porém, em casamentos havidos entre mulheres dos grupos do Oiapoque e elementos de outra tribo ou etnia, os casais ficaram residindo na própria aldeia, sendo que, nos rompimentos de consórcios, os filhos permaneceram com a espôsa.

Quanto a descendência, que Hurault (1963:25) diz ser também patrilineal, temos a acrescentar algumas outras indicações que talvez possam corroborar essa informação, por exemplo: a ocorrência da herança pelo lado paterno (Gillin, 1948:850); o ritual a que era submetido o pai quando nascia o primogênito, e do qual só podiam participar ascendentes pela linha paterna (Arnaud, 1966:38-39); a passagem de atribuições de chefia, mesmo em caráter temporário, a indivíduos da mencionada linha (ibid.: 37); e por fim, como agora observamos, a existência do casamento avuncular (7); a autoridade do cônjuge masculino sobre a família; e o uso de sobrenomes de origem exclusivamente paterna em que pese a influência da sociedade "civilizada".

\*

\*   \*

Apesar de não ser este um trabalho comparativo sobre o sistema de parentesco de grupos *Karib*, como contribuição para futuros estudos a respeito, em conclusão apresentamos as seguintes analogias:

A terminologia de parentesco Galibí (Qds. II e III) pode ser classificada como do tipo  *fusão bifurcada* na primeira geração ascendente e do tipo *Iroquês* na geração do Ego, segundo a

(7) — A respeito da possibilidade desse tipo de casamento, teoricamente, apenas em regimes de descendência patrilineal assim se expressa Lévi Strauss: "Nous trouvons donc deux types de relations entre l'oncle et neveu. Il ya, d'une part, l'assistance fourni par l'oncle à son neveu à l'occasion du mariage. et d'autre parte, le privilège matrimonial de l'oncle maternel sur la fille de sa soeur, qui ouvre assi, pour lui, un type spécial de relations avec son neveu matrilateral. Or s'il est permis, au moins théoriquement, de rattacher les relations du premier type à la filiation matrilineaire, ceia est évidemment impossible por le second: Car l'oncle maternel se trouverait porter le même nom, ou appartenir au même groupe exogamique (en tout cas à la même moitié) que la filie de sa soeur, et par conséquent ne pourrait l'épouser." (1949: 537).

classificação de Murdock (1949:223), ou seja de igual forma como a de outros grupos de idêntica filiação, a saber: Panare, Yabarana e Makiritáre (Wilbert, 1961:42-142-175-176); Waiwai (Fock, 1963:188); e Macuxí (Diniz:1965:4). Seus modos tradicionais de matrimônio, de primos cruzados, o avuncular e o poligínico, bem como o levirato e o sororato, são referidos como usados, no todo ou em parte, pelos Kalíña (Ahlbrink, 1931:357) (8); Tiriyo (Frikel, 1960:15-16); Panaré, Yabarâna e Makiritáre (Wilbert, 1961:passim); Waiwai (Fock, 1963:202); e Macuxí (Diniz, 1966:5-6). Quanto à forma de residência mencionada como patrilocal, na circunstância mais antiga, encontram-se indicações semelhantes como referência aos Apalaí (Kirchhoff, 1931, apud Gillin, 1948:849) e Tiriyo (Frikel, 1960:11). Sobre a descendência que parece ser igualmente orientada pela linha agnática, são dados como apresentando a mesma característica os Apalaí (Kirchhoff, apud Gillin, 1948:849), Tiriyo (Frikel, 1960:11) e, possivelmente, os Yabarâna (Wilbert, 1961:142) e os Macuxí (Diniz, 1965:7). Todavia, conforme acaba de ser exposto, êsses padrões vêm sofrendo alterações entre os atuais Galibí, especialmente por efeito de contatos com a sociedade envolvente.

(8) — O termo Kalíña que em Galibí significa “gente” passou a ser aplicado na acepção de Karib, sendo hoje geralmente usado para denominar os Galibí do Suriname. (cf. Ahlbrinck, 1931:191).

SUMMARY

The present paper deals with the kinship relations within the Galibí Indians (Caribbean), located today at the Oiapoque River, Territory of Amapá, Brazil. A general description of those Indians has been already the subject of a paper by the Author (Arnaud, 1966).

In the introduction, details are presented about the population of the mentioned Indians and their recent division in two local groups. The paper includes the following parts: Present day situation; kinship terminology; the marriage; residence and descent.

A comparative listing of kinship terms and analogies with Garibbean groups such as the Kalíña (Ahlbrink, 1931), Aparáí (Kirchhoff, 1931, apud Gillin, 1948), Tiriyo (Frikel, 1960), Panáre, Yabarána and Makiritáre (Wilbert, 1963); Waiwai (Fock, 1963) and Makuxí (Diniz, 1965) is given.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AHLBRINK, W.

1931 — Encyclopaedie der Karaïben behelzend tall, zedan en gewoonter dezer Indianen. *Verhandeligen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam, Afdeeling Letterkunde, Nieuwe Reeks*, Amsterdam, 28(1) : xiv + 555 p. il.

ARNAUD, EXPEDITO

1966 — Os índios Galibí do rio Oiapoque. Tradição e mudança. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, s.n., Antropologia*, Belém, 30. 52 p. il.

COUDREAU, HENRI

1887 — *La France équinoxiale — Voyage a travers les Guyanes et l'Amazonie*. Paris, Challamel Ainé, v. 2, 495 p. il.

DINIZ, EDSON

1965 — Breves notas sôbre o sistema de parentesco Macuxí. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, n.s., Antropologia*, Belém, 28. 16 p. il.

FOCK, NIELS

- 1963 — Waiwai — Religion and society of an Amazonian Tribe. *Nationalmuseets Skrifter, Etnografisk. Roekke*, Copenhagen, 8. 315 p. il.

FRIKEL, PROTÁSIO

- 1960 — Os Tiriyo (Notas preliminares). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, n.s., Antropologia*, Belém, 9. 19 p. il.

GILLIN, JOHN

- 1948 — "Tribes of the Guianas". In: *Handbook of South American Indians, Bulletin Bureau of American Ethnology*, Washington, 143(3) : 799-860, il.

HURAULT, JEAN

- 1963 — Les indiens du littoral de la Guyane Française. Galibí et Arawak. *Les Cahiers d'autre-mer*, Borneaux, 16 : 145-183, il.

KIRCHOFF, PAUL

- 1931 — Die Verwandtschaftsorganisation der Urwaldstämme Südamerikas. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 63 : 85-193.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE

- 1949 — *Les structures elementaires de la parenté*. Paris, Presses Universitaires de France, 639 p. il.

MURDOCK, GEORGE PETER

- 1949 — *Social structure*. New York, The Macmillan, 387 p.

WILBERT, JOHANNES. .

- 1963 — Indios de la region Orinoco-Ventuari. Instituto Caribe de Antropologia y Sociologia, Fundación La Salle de Ciencias naturales, Monografia, Caracas, 8. 263 p. il.

NOMENCLATURA DO PARENTESCO (9)

	GALIBÍ (Arnaud, 1967)	KALINA (Ahlbrinck, 1931)
Pai do pai — pai da mãe (H.-M.-f.) FaFa — MoFa (M.-W.s.)	Tamuru Tuxí (vocativo)	Tamuri Tamusi Tansi
Mãe do pai — mãe da mãe (H.-M.f.) FaMo — MoMo (M.-W.s.)	Noti Pipi (vocativo)	Noti Pipi
Pai — irmão do pai (H.-M.f.) Fa — FaBr (M.-W.s.)	Yüman Papá (vocativo)	I-yuman Papa
Mãe — irmã da mãe (H.-M.f.) Mo — MoSi (M.-W.s.)	Sanon Tatá (vocativo) Mamá (vocativo)	Sano Tata
Irmão da mãe (H.-M.f.) — Filho do irmão da mãe — filho da irmã do pai (M.f.) MoBr (M.-W.s.) — MoBoSo — FaSiSo (W.s.)	Katobô Yawô (vocativo)	Yawo
Irmã do pai (H.-M.f.) FaSi (M.-W.s.)	Yawôpiri Opi (vocativo)	Wopri
Irmão m. velho — filho m. velho do irmão do pai — filho m. velho da irmã da mãe (H.f.) OBr — FaBrOSo — MoSiOSo (M.s.)	Iri	Sewo Yaya

(9) — Na grafia dos termos em Gaiibí observamos o seguinte critério: i = ü do alemão; n = nh do português; w = w do inglês; y = y do inglês como na palavra "yes"; e as demais vogais e consoantes com sons aproximados do português. Em inglês adotamos as abreviaturas empregadas por Murdock (1949: 94-95).

Irmão m. velho — ... (H.-M.f.)	Yayá (vocativo)	
OBr — ... (M.-W.s.)		
Irmão m. nôvo — filho m. nôvo do irmão do pai — filho m. nôvo da irmã da mãe (H.f.) — Irmão (M.f.)	Pirī	Kiri Pito
YBr — FaBrYSo — MoSiYso (M.s.) — Br(W.s.)		
Irmão m. nôvo — ... (H.-M.f.)	Tiom (vocativo)	
YBr — ... (M.-W.s.)		
Irmã (H.f.)	Yenautê	Enau-tĩ
Si (M.s.)		
Irmã m. velha — filha m. velha do irmão do pai — filha m. velha da irmã da mãe (M.f.)	Payrī	
OSi — FaBrODa — MoSiODa (W.s.)		
Irmã m. velha — ... (H.-M.f.)	Wawá (vocativo)	Wawa
OSi — ... (M.-W.s.)		
Irmã m. nova — filha m. nova do irmão do pai — filha m. nova da irmã da mãe (M.f.)	Pitĩ	Suwĩ Miya
YSi — FaBrYDa — MoSiYDa (W.s.)		
Irmã m. nova — (H.-M.f.)	Xonen (vocativo)	
YSi — ... (M.-W.s.)		
Filho da irmã do pai — filho do irmão da mãe (H.f.)	Paman	Pamu
FaSiSo — MoBrSo (M.s.)	Tewô	Tewĩ
Filha da irmã do pai — filha do irmão da mãe — filha da irmã — Filha da filha do irmão do pai — filha da filha da irmã da mãe (H.f.)	Takanô	Takano
FaSiDa — MoBrDa — SiDa — FaBrDaDa — MoSiDaDa (M.s.)		
Filha da irmã do pai — filha do irmão da mãe (M.f.)	Yerutê	
FaSiDa — MoBrDa (W.s.)	Maé	

Filho — filho do irmão — filho do filho do irmão do pai — filho do filho da irmã da mãe (H.f.)  
 So — BrSo — FaBrSoSo — MoSiSoSo (M.s.)  
 Filho — filho da irmã — filho da filha do irmão do pai — filho da filha da irmã da mãe (M.f.)  
 So — SiSo — FaBrDaSo — MoSiDaSo (W.s.)  
 Filha — filha do irmão — filha do filho do irmão do pai — filha do filho da irmã da mãe (H.f.) Filha — filha da irmã — filha da filha do irmão do pai — filha da filha da irmã da mãe (M.f.)  
 Da — BrDa — FaBrSoDa — MoSiSoDa (M.s.) Da — SiDa — FaBrDaDa — MoSiDaDa (W.s.)  
 Filho da irmã — filho da filha do irmão do pai — filho da filha da irmã da mãe (H.f.) Filho do irmão — filho do filho do irmão do pai — filho do filho da irmã da mãe (M.f.)  
 SiSo — FaBrDaSo — MoSiDaSo (M.s.) — BrSo — FaBrSoSo — MoSiSoSo (W.s.)  
 Filha do irmão — filha do filho do irmão do pai — filha do filho do irmão da mãe (M.f.)  
 BrDa — FaBrSoDa — MoBrSoDa (W.s.)  
 Filho do filho da irmã do pai — filha do filho da irmã do pai — filho da filha da irmã do pai — filha da filha da irmã do pai; filho do filho do irmão da mãe — filha do filho do irmão da mãe — filho da filha do irmão da mãe — filha da filha do irmão da mãe; filho do filho — filho da filha — filha do filho — filha da filha (H.-M.f.)  
 FaSiSoSo — FaSiSoDa — FaSiDaSo — FaSiDaDa — MoBrSoSo — MoBrSoDa — MoBrDaSo — MoBrDaDa — SoSo — DaSo — SoDa — DaDa (M.-W.s.)

Imuru

Imuru

Imê

Yemirê

Emuí (II)

Patuman

Patuman

Pasê

Parĩ

Pai do espôso — pai da espôsa HuFa — WiFa	İmetamuru Tamusanon	İme-tamuru
Mãe do espôso — mãe da espôsa HuMo — WiMo	İmenotï Nonsanon	İme-noti
Espôso Hu	İnon	İnon
Espôsa Wi	Pitê	Puil (ti)
Espôso da irmã — irmão da espôsa (H.f.) Espôsa do irmão — irmã do espôso (M.f.) SiHu — WiBr (M.s.) BrWi — HuSi (W.s.)	Metaton	Metaton
Espôsa do irmão m. velho (H.-M.f.) OBrWi (M.-W.s.)	Yayapitê	Sewo-puil (tï)
Espôsa do irmão m. nôvo (H.M.f.) YBrWi (M.-W.s.)	Tiompitê	Pito-puil (tï)
Espôso da irmã m. velha (H.-M.f.) OSiHu (M.-W.s.)	Wawainon	Wawa-no
Espôso da irmã m. nova (H.M.-f.) YSiHu (M.W.s.)	Xoneninon	
Irmã da espôsa — espôsa do irmão (H.f.) Irmão do espôso — espôso da irmã (M.f.) WiSi — BrWi (M.s.) HuBr — SiHu (W.s.)	Mouşarê	Mowusarï
Espôso da irmã da espôsa WiSiHu	Yundê	
Espôsa do irmão do espôso HuBrWi	Yerudê	

Espôsa do irmão da espôsa  
WiBrWi

Espôso da irmã do espôso  
HuSiHu

Espôsa do filho (H.-M.f.)  
SoWi (M.-W.s.)

Espôso da filha (H.-M.f.)  
DaHu (M.-W.s.)

Espôso da mãe (H.-M.f.)  
MoHu (M.-W.s.)

Espôsa do pai (H.-M.f.)  
FaWi (M.-W.s.)

Espôso da irmã da mãe (H.-M.f.)  
MoSiHu (M.-W.s.)

Espôsa do irmão do pai (H.-M.f.)  
FaBrWi (M.-W.s.)

Espôsa do irmão da mãe (H.-M.f.)  
MoBrWi (M.-W.s.)

Espôso da irmã do pai (H.-M.f.)  
FaSiHu (M.-W.s.)

Filho e filha da espôsa  
WiSo — WiDa

Filho e filha do espôso  
HuSo — HuDa

Metatonpîtê

Metatoninon

Parisanon

Parïman

Yunondonê

Papadonê

Sanondonê

Tatadonê

Tatainon

Papapîtê

Papa-puil (tî)

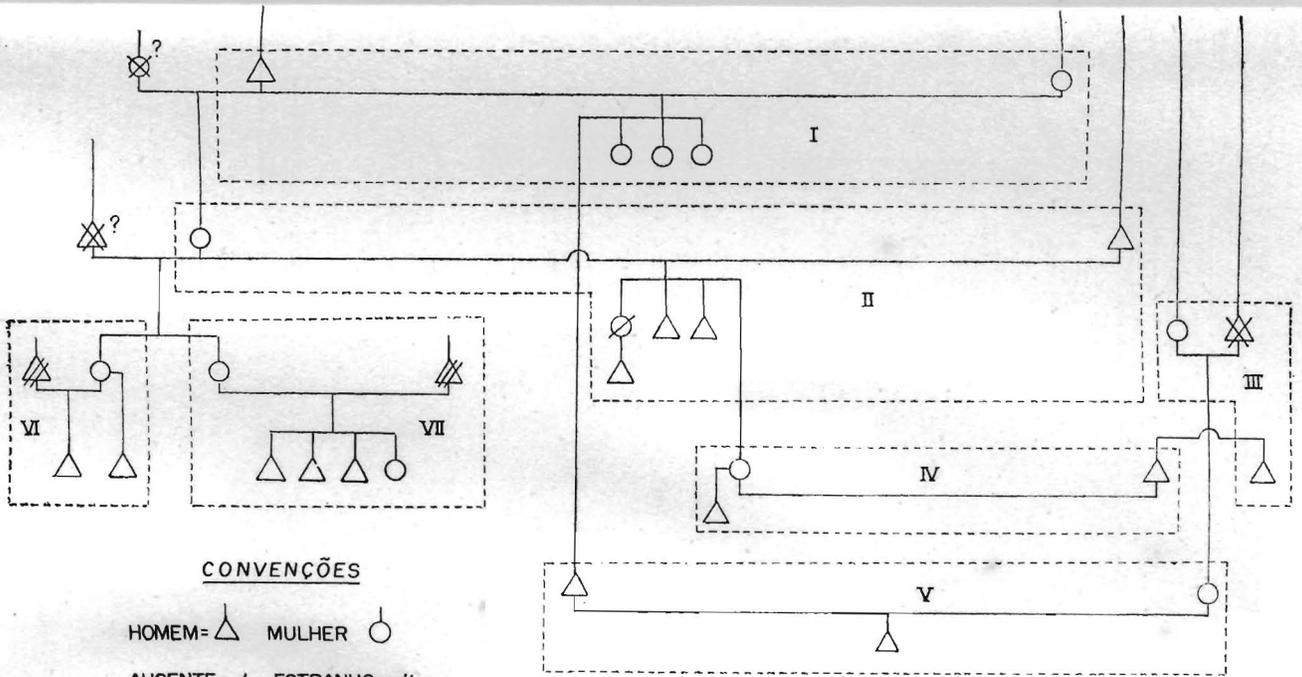
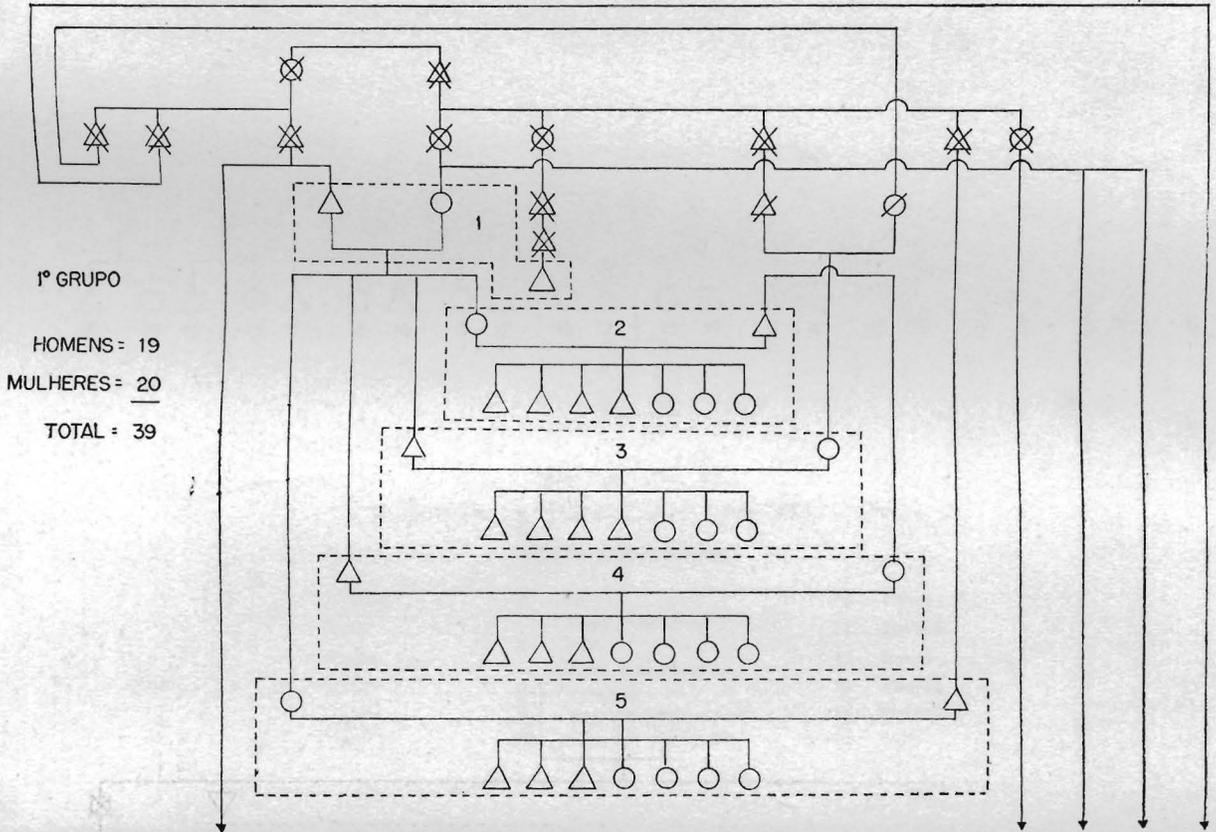
Yawôpîtê

Opiinon

Niundorê

Nisanondorê

# DIAGRAMA GENEALÓGICO



## CONVENÇÕES

HOMEM = MULHER =

AUSENTE = / ESTRANHO = //

MORTO = X FILIAÇÃO =

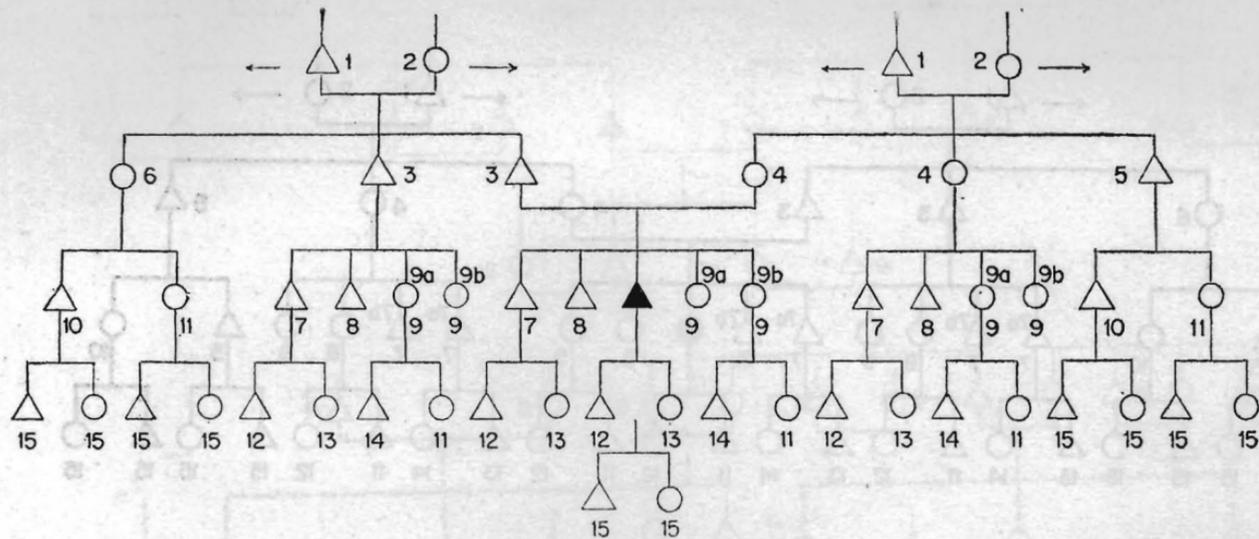
CASAMENTO = GRUPO DOMÉSTICO =

## 2º GRUPO

HOMENS = 18

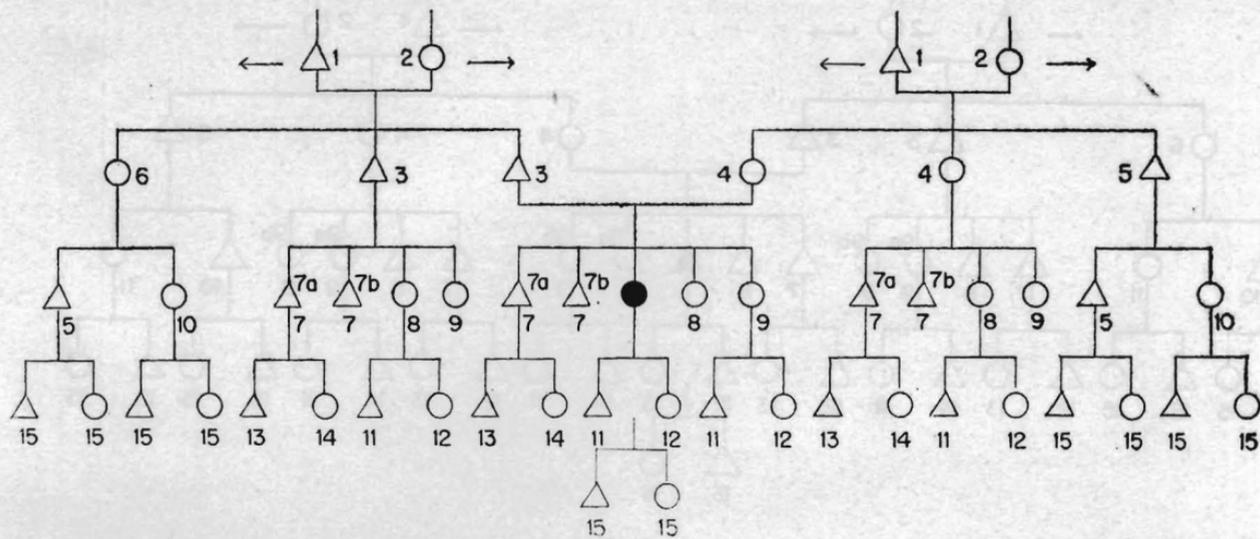
MULHERES = 11

TOTAL = 29



**QUADRO II**  
**ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGÜÍNEO**  
**(Ego masculino)**

- |              |                       |              |
|--------------|-----------------------|--------------|
| 1 - Tamuru   | 7 - Īrī               | 10 - Paman   |
| 2 - Notī     | - Yoyá (vocativo)     | 11 - Takanó  |
| 3 - Tuman    | 8 - Pirī              | 12 - Īmuru   |
| 4 - Sanon    | - Tiom (vocativo)     | 13 - Yemirê  |
| 5 - Katobô   | 9 - Yenautê           | 14 - Patuman |
| 6 - Yawôpirī | 9a - Wawá (vocativo)  | 15 - Parī    |
|              | 9b - Xonen (vocativo) |              |

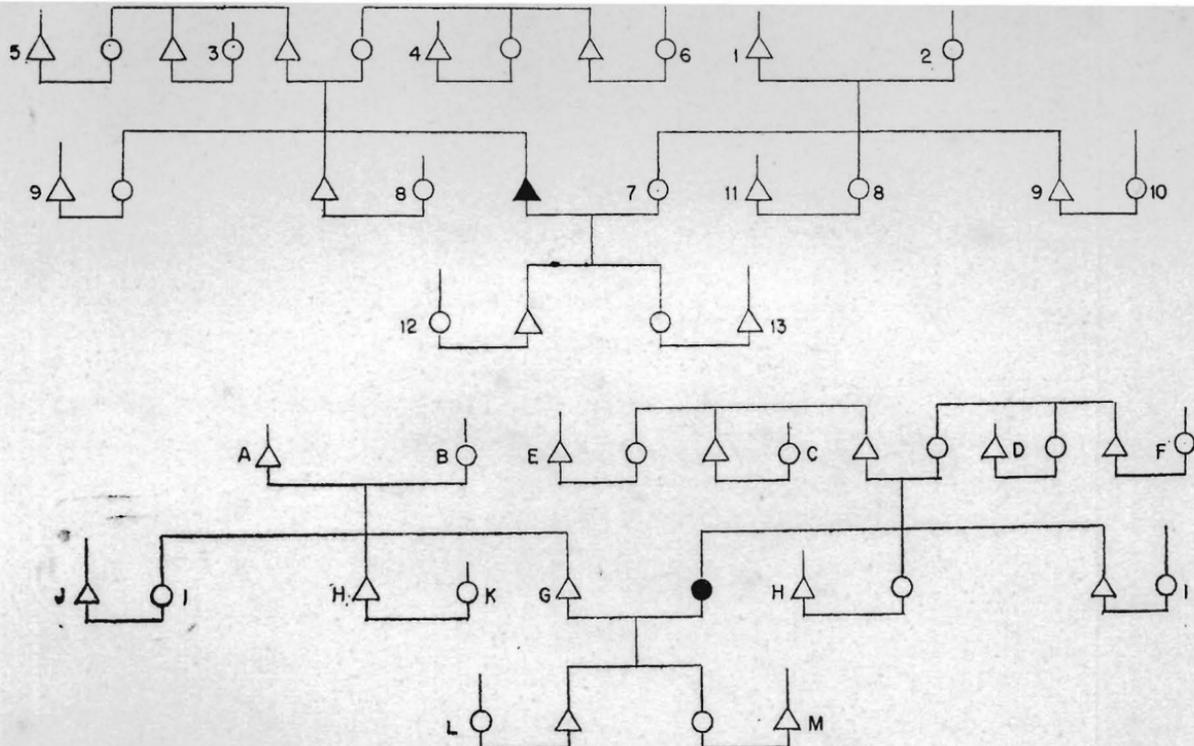


QUADRO III

ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGÜÍNEO

(Ego feminino)

- |              |                      |              |
|--------------|----------------------|--------------|
| 1 - Tamüru   | 7 - Pirĩ             | 10 - Yerudé  |
| 2 - Notĩ     | 7a - Yayá (vocativo) | 11 - Imê     |
| 3 - Tuman    | 7b - Tiom (vocativo) | 12 - Yemirê  |
| 4 - Sanon    | 8 - Payrĩ            | 13 - Patuman |
| 5 - Katobô   | - Wawá (vocativo)    | 14 - Pasê    |
| 6 - Ycʷôpirĩ | 9 - Pitĩ             | 15 - Parĩ    |
|              | - Xonen (vocativo)   |              |



**QUADRO IV**

**ESQUEMA DE PARENTESCO AFIM**

- | EGO MASCULINO |              |                  | EGO FEMININO  |              |                 |
|---------------|--------------|------------------|---------------|--------------|-----------------|
| 1 - Tmetamuru | 5 - Opiĩñon  | 9 - Metaton      | A - Tmetamuru | E - Opiĩñon  | I - Metaton     |
| 2 - Tmenotĩ   | 6 - Yawõpõtê | 10 - Metatonpõtê | B - Tmenotĩ   | F - Yawõpõtê | J - Metatonifon |
| 3 - Papapõtê  | 7 - Põtê     | 11 - Yundê       | C - Papapõtê  | G - Iĩñon    | K - Yerudê      |
| 4 - Tataĩñon  | 8 - Moúsarê  | 12 - Parĩsanon   | D - Tataĩñon  | H - Moúsarê  | L - Parĩsamon   |
|               |              | 13 - Parĩman     |               |              | M - Parĩman     |